

17  
SERMAM

QUE PREGOV

O P. ANTONIO DESAA

DA COMPANHIA DE JESUS.

NA CAPELLA REAL

DIA DO APOSTOLO

S. THOME.



EM COIMBRA:

*Com todas as licenças necessarias.*

Na Officina de IOSEPH FERREYRA Impressor  
da Vniversidade Anno de M.DC.LXXXVI.





*Affer manum tuam, & mitte in latus meum: & noli esse incredulus, sed fidelis. Joann. 20.*



A fingio a Antiguidade, Muito altos, & poderosos Reys, & Senhores nosos. Là fingio a Antiguidade, que desejando o Amor reduzir a si a hum coração desenamorado, sahira à batalha cõ elle, tão armado o Amor de settas, como o coração de durezas. Partido o cãpo brãdio o Amor o arco, medio a setta, apontou o tiro, despedio huma, segundou com outra, atirou finalmente todas, & no cabo cançado ja o braço, rota a corda, vazia a aljava, vio todas suas armas aos pès do contrario, que como se fora insensivel marmore, estava triumphante da valentia do ferro. Que faria o Amor neste caso? Sente o desdem, chora o desprezo, correse da resistencia, & reduzido à desesperação, quebra o arco, arremeça a aljava, batte as azas, & cortando impaciente os ares, como se fora setta com alma, se arroja sobre o peito do adversario, & as chamas tão vesinhas desfez aquelle penhasco de durezas; cõcebeo ternuras, admittio caricias, & brando já de amoroso largou o campo ao Amor. Isto que no Amor profano foi fabula, he hoje no Amor Divino verdade. Duidava Thomè resolutu, & negava obstinado a Resurreição de Christo, não lhe valião a este Senhor hũa, nem outra certeza desta aparição, & daquella, porfiava cego em sua contumacia, & pondo no atrevimenro o desengano, instava em medirhe as chagas, & examinalhe o peito. Sentiose ao parecer Christo da rebeldia tão profiada, & consagrou oito dias aos retiros da Magestade, mas no cabo cedendo a Magestade ao Amor, rodeado de luzes, & servido de resplandores, penetra imperiosamente soberano as portas do cenaculo, & vencendo descortezias, atropelan-

do ingrátidoens contra a grandeza de Senhor, contra os privilegios de immortal, se mete atè o coração pellas mãos de Thome, q̄ rendido a tanto golpe de rayos, & a tanto tiro de finezas abjurou perfidias, & reconheceo a Christo: *Domus meus, & Deus meus.*

Esta he em summa a historia toda do Evangelho, nelle se nos representa Thome em dous estados: em hum temos a Thome perdido a porfias de sua incredulidade, em outro temos a Thome ganhado a favores de Christo; & na cõsideração de ambos quizera eu satisfazer às obrigaçoens deste dia. Celebra neste dia a Corte de Portugal a Thomè como Orago da Real Capella de seu Monarcha. Celebra tambem o Tribunal da India a Thomè como Padroeiro das Conquistas do Oriente. Thomè ganhado acodirà às obrigaçoens de Orago: Thomè perdido satisfarà aos empenhos de Padroeiro: na redução de Thomè notarà advertências a Corte: na perda de Thomè chorarà seus descuidos a India; & como (se bem advertimos) a Thomè com a mão no lado de Christo, escolheo pera Orago de sua Real Capella a Magestade Augusta de nosso inclito Monarcha, pera que ainda nas menores circumstancias se ajuste o Sermão com a celebridade, a mão sòmente de Thomè no Lado de Christo serà o assumpto da primeira parte, & as palauras ultimas de Christo em que cifrou os erros de Thomè a materia da segunda. Comece Thomè a darnos a mão.

*Affer manum tuam, & mitte in latus meum.* A primeira cousa notavel que descubro naquella mão de Thomè, & o que eu admiro muito he, que vendose buscada de Christo: *Affer manum tuam*, esperasse ainda imperios pera entrar no Lado: *mitte in Latus meum.* Cuidava eu que ao primeiro aceno de Christo se estendesse logo confiadamente ao favor, & ella sobre esperar que a mandem estender: *affer*; espera ainda que a mãdem entrar: *mitte.* O bem de Thomè depedia todo deste favor: *Nisi mittam manus meam in Latus ejus, non credam;* Pois se deste favor dependia todo o bem de Thomè, pera que anda com tantos vagares a mão? Porque era favor de Lado, & Lado de Senhor, & quiz mostrar Thomè que o Lado de hum Monarcha não devia ser despojo da confiança alhea, senam benevolência da eleição propria. O Principe não ha de admittir a sua  
graça

graça a quem a quer, fenão a quem elle quizer: as outras mercès se-  
 jão embora dos introduzidos, porém o valimento ha de ser sómen-  
 te dos chamados, ainda não disse bem; ha de ser dos que sobre cha-  
 mados forem escolhidos. A todos os homens chama Deos pera lo-  
 grar sua privança na gloria, mas nem a todos os que chama conce-  
 de a gloria de sua privança; chama a todos, & escolhe a poucos,  
 & os poucos escolhidos effes são os privados. Pois da mesma sorte  
 que se procede no valimento divino, assim he bem, antes he necessa-  
 rio, que se proceda no valimento humano; ha de haver vocação, &  
 ha de haver eleição, hase de chamar a muitos, & hase de eleger a  
 poucos; & os poucos eleitos, effes hão de ser os validos; & a rezam  
 disto he, porque a opinião he a melhor parte da vida real, & das ac-  
 çoens dos validos depende sempre a opinião do Rey: conforme  
 são os lados, assi se avalia commummente a cabeça, & por isso im-  
 porta muito que escolha o Principe, & com grande consideraçam  
 os lados.

Caminhava Christo pera o Calvario, & diz o texto, que levavão  
 com elle a outros dous malfeitores; *ducebantur, & alij duo nequam*  
*cum eo.* Misterioso termo na verdade, & *alij*, & outros? Levavão  
 dous malfeitores; isso estava bem, porém outros dous? Logo Chri-  
 sto tambem era malfeitor? Não era malfeitor Christo, mas levava  
 ao lado dous malfeitores, & bastou serem estes os lados pera de al-  
 gum modo correr Christo por malfeitor. Nam menos que isto vai  
 à cabeça na eleição dos lados. Seja o Rey a innocencia mesma, se  
 lhe serve de lados a malicia, ha de passar por malicia a mesma inno-  
 cencia: nos outros homens periga a reputaçam nos vicios proprios;  
 no Principe atè os alheos são achaque de sua reputaçam. O ecclypse  
 que exprimenta o mundo quando a Lua acerta de ficar diante  
 do Sol, não he defeito do Sol, he effeito da Lua, que com a oppa-  
 cidade interposta de seu corpo impede a communicaçam benigna  
 de seus rayos, & com tudo nam se chama ecclypse da Lua, senam  
 do Sol, & corre por defeito proprio o embaraço alheo, porque es-  
 ta he a pençam de hum Planeta Rey, julgar todos que he ecclypse  
 do Sol, o que são sómente sombras de Lua. A baze em que estriba  
 gloriosamente segura a boa fama dos Monarchas, nam são tanto as

prezias próprias, como as acçoens dos validos: as magestades como viuem retiradas, o respeito as imagina sempre soberanas; se os privados são modestos, & entendidos, dissimulão muito seus erros, & ainda os fazem parecer acertos; porèm se são deprauados, & indifretos por elles, como por resquicios de Palacio, se atroja a curiosidade do povo a penetrar as qualidades do Principe; & da malignidade dos lados conjectura menos bondade na cabeça: por isto Thome para chegar ao Lado de Christo espera ser chamado; *affer manum tuam*, & espera ser escollido: *mitte in latus meum*; para que nas tardanças de sua mão adurtão os Principes como devem conceder o lado.

Depois de esperar a mão de Thome imperios, manda Christo que entrasse a mão, mas não mandou a Thome que visse o Lado; permittiolhe o toque, mas negoulhe as vistas: *affer manum tuam, & mitte in latus meum*: quando foi às chagas das mãos, ordenou Christo a Thome que tocasse, & visse: *infer digitum tuum huc*, eis ahí o toque, & *vide manus meas*, eis ahí as vistas. Pois se Christo concedeo as vistas das mãos a Thome, porque lhe negou a vista do Lado? Porque essa differença ha de haver do Lado às mãos: As mãos como são indices da liberdade, he bem que sejam vistas de todos, porque para tō dos deve ser liberal hum Rey: o Lado como he deposito dos mais interiores segredos, não ha de ser visto de ninguem; porque a ninguem se hão de manifestar os segredos. A grandeza do rio conhecessê na profundidade de suas agoas, suas profundidades ha de ter o Principe para se venerar grande: ha de seguir o modo do obrar da natureza que nos mostra as fermosuras sem dizer como as obra. Quando Iffayas vio a Deos no throno, diz que dous Seraphins lhe cobrirão a cabeça, & os pès com suas azas; porque com tanto recato ha de zelar hum Monarcha as maximas do governo; qua nem se lhe entendão os passos, nem se lhe penetrem os decretos. A divindade presidente dos Conselhos, levantou Roma Altars, porèm de baixo da terra, significando com isto o muito que se deve occultar, & encobrir sempre a reuolução dos negocios. De tudo po se ser muito liberal hum Monarcha, porèm em materia de segredos ha de ser mais apertado que todos; &

que bem ensinou Christo esta politica quando se vio acclamado Rey na Cruz.

Naquelle sangue que o golpe de huma lança lhe tirou do Lado, querem commumente os Doutores que dèsse Christo os Sacramentos à sua Igreja: *De latere Christi exierunt Sacramenta*, & merece reparo, que esperasse huma lançada para dar os Sacramentos: nos Sacramentos consistia o mayor bem da Igreja, porque a Igreja não tem mayor bem que a graça, & as fontes da graça estavão nos Sacramentos; pois se isto he así, porque os não dà como de si o Senhor? Porque ha de esperar que lhos tire do peito a violencia de huma lança? Sabem porque, porque erão Sacramentos, & Christo estava intitulado Rey, & quiz mostrar ao mundo que fazia tanta estimação do segredo, que tirarlhe do peito Sacramentos era darlhe huma lançada no peito. Tam difficuloso ha de ser o Monarcha em réder os segredos, que nam baste a mayor conveniècia para facilitar o coraçam a desvelos; sobre a mayor conveniècia ha de aver ainda muita difficuldade, ha de abri-se o peito Real quando así importe, com tanta repugnancia, que não pareça q̄ diz segredos, senão que recebe lançadas, & na verdade que mayor lançada para hum Principe que tirarlhe do peito hum segredo? Nos Imperios não ha melhor columna da Magestade, que o respeito; a vida do respeito he a opinião, a alma da opinião he o segredo; senam ha segredo menos cabase ordinariamente a opinião, senão ha opinião diminuese o respeito, & se não ha respeito, q̄ outra cousa vê a ser a purpura mais vistosa, senão hũa ignominia mais corada? Tãto como isto importa aos Monarchas o segredo, & comunicalo vem a ser o mesmo que rompelos; os segredos são como as minas, que em tendo muitas bocas vapora por ellas o fogo, & não fazem effeito; para hum segredo estar secreto não ha de ser communicado, porq̄ não ha segredo communicado em segredo.

Perguntado Christo do Summo Sacerdote acerca de sua doutrina; respondeo desta maneira: *Ego palam locutus sum mundo, & in occulto locutus sum nihil*: eu sempre falei publicamente ao mundo, & não disse nada em segredo. A resposta he tão verdadeira como dada pella sūma verdade; mas parece q̄ tem sua duvida, Christo disse

disse algumas cousas em segredo, como conta dos Evangelistas todos, & baste o testemunho de S. Matheus no cap. 20. onde escreve que se retirára o Senhor muito em segredo com seus Discipulos, & lhe descobrira o successo tuturo de sua morte, & Resurreiçam: *Assumpit duodecim discipulus secreto, & ait illis:* pois se Christo disse em segredo algumas cousas, como afirma agora que não dissera nada em segredo? Ora a rezão he esta, he verdade que Christo disse muitas cousas em segredo, mas ainda que em segredo, disseas: & he tão pouca a fé que se guarda ao segredo no mundo, que dizer em segredo, val tanto no juizo de Christo, como dizer em publico; bastou considerar os segredos communicados para logo os não avaliar secretos. Em materia de segredo não ha differença de dizer a dizer, tudo o que he dizer, he publicar, porque não ha paciencia no coração humano para calar o q̄ sabe; ou ha de dizer o segredo que lhe cômunicarão, ou ha de dizer que lhe comunicaram segredos. Os mesmos secretarios dizem o segredo que sabem, os mais fieis se não dizem o segredo que sabem, dizem pello menos que sabem segredo. Esta foi a mayor fineza a que chegou a profundidade de hum Paulo: *Audiui arcana verba, quæ non licet homini loqui;* esta foi a mayor excellencia a que chegou a fidelidade de hũ Ifayas: *Secretum meum mihi;* hum, & outro calava os segredos que sabia, mas hum, & outro não pode calar que sabia segredos: que a gloria de parecer familiar, & intimo, se sofre que se occulte o segredo das cousas, das cousas não sofre que se encubra a sciencia do segredo; & para se romper hum segredo, basta reuelar que se disse o segredo, ainda que não se rende o segredo que se disse; porque se dà occasiam ao discurso, para que pellas noticias do segredo conjecture a qualidade dos negocios; que cousa mais retirada que o coração? Là no retrete mais interior do peito o escondido a natureza; & com tudo só por aquelle sutil movimento que communica às artereas, se conhecem seus achaques, & enfermidades.

Não ha segredo seguro, porque não ha segredo calado, não disse bem; nam ha segredo seguro, porque ainda o mais calado se falla. Costuma o animo passarse como o papel, & se lê por cima o que está escrito dentro, estranho silencio, diz a Elcritura, que guardara

Abfalam na vingança, que intentava tomar de Amon pella injuria que fizera a sua Irmaã Thamar; & no caso deffe mefmo cuidado em calarfe, entendeu Ionadab os vingatiuõs intentos de Abfalam; & fe nem o silencio sabe guardar hum segredo, que segredo fe pode esperar em silencio? Ouçamos para vltimo abono desta verdade, húa propofição notavel do Sabio: *Gloria Dei est calare verbū*. A Gloria de Deos por anthonomafia, diz elle; he o silencio que guarda em feus segredos, que segredo significa ali a palaura: *Verbum*, conforme S. Gregorio, & outros. Olhai onde o Sabio foi pôr a gloria de Deos; cuidava eu que a gloria era fer-tão omnipotente que de nada produzio hum mundo; fer tão immenso que todo effe mundo não baste a comprehender fua grandeza; mas que hum segredo calado effa feja a gloria de Deos? Si, eu direi o porque, em Deos ha tres peffoas, & não ha segredo em Deos que as tres peffoas não faibão; & que fe cale hum segredo que sabem tres peffoas? que polião tres peffoas guardar segredo a o segredo? Singular gloria de Deos, tão difficultosamente fe cala o que fe sabê, q̄ saber, & calar, ainda em peffoas Divinas he o realce mayor de fua gloria: *Gloria Dei est calare verbum*. Vejão agora os Monarchas com que fe-gurança podem fiar feus segredos de peffoas humanas, & fe por causa desta infidelidade, & facilidade do coração humano convem tanto effa cautela em qualquer materia de segredo, que ferà naquellas de que depende a confervação dos estados? Que ferà nos militares, em cuja fortuna eftriba a gloria, ou ruina das Mononarchias? Nessas diga o Principe do Ceo como devem proceder os Principes da terra.

Fala Christo do dia do Juizo, & diz affi: *De die autem illa nemo scit, neq̄ Angeli, neq̄ Filius, nisi solus Pater*. O dia do Juizo, não he o Pay, ninguem o sabe, nem os Anjos, nem o proprio Filho; varias faõ as expofiçoens que dão os Santos Padres a effe lugar, & confessando todos catholicamente rendidos, que Christo em quanto Deos sabe quando ha de fer o dia do Juizo, Cyril. l. 9. thesaur. capit. 4. com outros muitos sente que na verdade Christo em quanto Homem não sabe quando ha de fer aquelle dia: & que encubra o Eterno Pay quando ha de fer o dia do Juizo a feu Filho?

lho? Notauel recato de Pay: Christo ainda em quanto Homé conhece todos os futuros, & successos de todos os mais dias do mundo; pois se o Pay lhe manifestou os segredos dos outros dias, por que encobre o segredo do dia do Juizo? A verdadeira rezão sabea Deos, eu só sei que os outros dias são dias em que Deos assiste ao governo politico do universo, o dia do Juizo, he dia em q̄ Deos ha de dar batalha gèral a fogo, & sãgue ao universo todo, & o segredo de hum dia de batalha, nem de seu filho parece que o fia Deos: saiba embora Christo os segredos que pertencem ao conselho de estado, porêm o segredo da guerra nam o ha de saber ninguem mais que o Pay; *De die illa, nemo scit nisi Pater.*

A felicidade das batalhas depende mais de misterio, que de verdadeiro; a maior preuenção sabida desafoga cuidados, a menor ignorada multiplica receyos; hum piqueno ribeiro em quanto não se deixa vadear, atemoriza: o rio mais caudaloso se chegou a vadearse não se teme: a tormenta tanto tem de perigosa quanto tem de repentina: se a nuvem no relampago descobrio o temporal, hum barco escapa: se o nam descobrio o maior galeam geme: que embaraçado se acha naquelle que primeiro se vio ferir, do que reluzir a espada: Que desassombrado o outro a quem prevenio o ruido, antes que divizasse as armas: Pellos successos se hão de conhecer as emprezas, que não ha empreza com successo se he descuberta antes de ser effectuada. Nunca Saul pode haver às mãos a David, porque sempre foubé antes David o que intentava Saul; a segurança da victoria não està só em pôr o peito valerosamente ao inimigo, senam em furtar tambem ao inimigo o peito; nas batalhas o peito descoberto sempre foi mais certo o perigo, que o triumpho. Rompia Germanico com facilidade o campo de seus contrarios, porq̄ como diz Tacito, primeiro lhes rompia os segredos do campo. Contra a culpa poz Deos em campanha sua Divina graça; mas como batalha a graça Divina? Batalha tão armada de segredo, que com sete Sacramentos se arma. Os Sacramentos levão a vanguarda nos combates da graça com a culpa, & não ha culpa mortal vencida, se faltão no combate os Sacramentos. Se o mesmo Deos não acõpanhara có sete Sacramentos o valor de sua graça, que

impo-

importara o mayor valor dos homês sem nenhum Sacramento? É como em materia de segredo he necessaria tanta cautella, por isso Thomè se atreve a meter a mão no Lado aberto de Christo, se não a imperios do mesmo Senhor, nem o Senhor ainda que conceda o toque permite as vistas a Thomè: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum.*

Entrou a mão de Thomè no Lado de Christo, mas não entrou para o fechar, tão aberto o deixou como estava; bem cuidou eu, que se Thomè pedira ao Senhor q̄ o fechasse, q̄ facilmente o alcançara, porque quem o deixou aberto contra os privilegios de glorioso, porque o havia de pedir assi Thomè, tambem o fechara se Thomè assi o pedira; & que o não peffa Thomè? Que o deixe patente para os outros? Que não pretenda ser unico no favor? Ora esta he hũa das grãdes excellências do Apostolo, ser hũ Ministro de cõdição tão generosa que não quiz ser singular na graça de seu Principe: sobir ao valimêto, & aspirar logo à singularidade isso acõtece a todos; chegar ao lado, & não o fechar para todos he singularidade de Thomè.

Levanta Christo a S. Pedro ao grao mayor de sua privança, dalhe o Summo Pontificado de sua Igreja, & logo diz o Texto Sagrado, q̄ voltando Pedro os olhos, vira vir a Ioão seguindo a Christo, & que como o vio perguntara ao Senhor: *Hic autem quid est* este que ha de ser delle? admiravel succêso na verdade! Todos os outros Discipulos vinham em seguimento de Christo, & que vindo derradeiro só com Ioão fossem topar os olhos de Pedro? & que nunca se lembrasse Pedro de procurar o que havia de ser de Ioam se não agora? Pois Pedro donde agora tanto cuidado de Ioão? Não era cuidado que Pedro tivesse de Ioão, erão cuidados que Ioam dava a Pedro: Ioão era privado antigo de Christo, Pedro viaffe valido de novo, & como se vio assi valido, parece que não queria a Ioão privado, reparaí bem na pergunta: *Domine hic autem quid?* Senhor, & Ioão que ha de ser? Quem pergunta o que ha de ser Ioam não quer que seja Ioão o que era, quer que seja outro do que fora; que saber do Principe hum novo valido o que ha de fazer do antigo privado, não he procurar lhe o augmento, he sollicitar lhe a mudança. E assi parece que o entendeu o mesmo Evangelista, por-

ue havendo de referir esta pergûta de Pedro, veja-se a miudeza de  
 palauras com que o faz. *Conversus Petrus vidit illum discipulum,*  
*quem diligebat Iesus,* virandose Pedro, vio aquelle Discipulo a que  
 amava o Senhor: *Qui recubuit in cœna super pectus Domini;* aquel-  
 le q̃ na cea esteve reclinado sobre seu peito; *Et dixit Domini quis*  
*est qui tradet te?* E aquelle q̃ lhe perguntou que era o treidor: *Hinc*  
*ergo cum vidisset Petrus dixit: hic autẽ quid;* a este pois como o visse  
 Pedro perguntou ao Senhor q̃ havia de ser delle; como q̃ quizesse  
 insinuar o Evangelista, que da muita privança que Pedro adverti-  
 ra em Ioão, nacera o cuidado de Pedro, & que solicitava o que ha-  
 via de ser do amado, porque desejava o amado em outro ser; que  
 de ordinario succede isto nas Cortes do mundo? Não ha subida de  
 Pedro que não seja queda de Ioão; nas cinzas da deminuiçam alhea  
 se fabricam as montanhas do valimento proprio. Aquella pedra do  
 sonho de Nabuco para se levantar a monte, reduzio a cinzas a es-  
 tatura que não ha ajuntar a altura da estatua com a grandeza da pe-  
 dra: ou a pedra não ha de ser monte para que persevere a estatua,  
 ou a estatua ha de sentir sua ruina, para que seja monte a pedra: &  
 que não se contente com crescer a montanha, a pedra mais tosea, se  
 não que de caminho ha de dar em terra com a estatua mais doura-  
 da? Terrivel estilo de crescer! Os Principes costumão comparar-se  
 com o Sol, & se o Sol tem cabedal de rayos para illustrar franca-  
 mente luzido a milhares de estrellas, porque ha de querer huma  
 só estrella limitar-lhe às suas conveniencias os rayos? Astro envejo-  
 so, se es Marte esforçado deixa luzir a Saturno prudente, que tan-  
 to sol te fica como Saturno leva; & se es Jupiter illustre, deixa res-  
 plandecer a Mercurio Sabio, que não te faltarão luzes por muitas  
 que possua Mercurio. De outra estrella te zelas? De outra estrella  
 te temes? Pouca deve de ser tua pompa; porque luz que para ap-  
 parecer ha mister tudo em trevas, não he grande luz. Tão longe es-  
 tava Thome de pretender ambicioso, singularisar-se nos favores  
 de seu senhor; que antes generosamente desinteressado, com aquel-  
 la mesma mam introduzio a muitas almas na graça de Christo, cõ-  
 municando a todos por meio do bautismo a fẽ que naquelle Lado  
 recebera. Exemplar valente de fauorecidos, q̃ não só não devem o  
 estan-

ftancar em fi, fenão que deuem dilatar a outros os beneficios que gozam. Nam se pode negar aos montes que recebam mais, & primeiro as luzes do Sol, que os valles, que isso fora ignorar a mesma natureza entre as queixas da fortuna, porẽm devem os montes contentar-se com ser montes, & nam sublimar-se a ser nuvens: duas visinhanças tem de seus rayos o Sol, as nuvens no ar, & os montes na terra; as nuvens de tal maneira recebem sua luz, & se ornã com rayos, & se douram com elles, que logo os reverberam liberaes aos valles; logrem pois os mayores, & mais ditosos de perto as luzes reais, porẽm nam sejam nuvẽs que sobre afermosear-se as encubrão, sejam montes que sobre illustrar-se as communique; sejam como Thome que sobre não querer sã para si a graça do Lado, elle mesmo convidava a todos com a graça de Christo.

Iã reparamos porque esperara a mam de Thome imperios para entrar; *affer mitte*; agora reparo porque nam esperou imperios para sair, porque nam procedeo aquella mam ao sair, assi como procedera ao entrar? Tam vagarosa na entrada, & tam apressada na saída? Oh q̃ admiravel doutrina nos dà aquella mam! Em Christo havia duas naturezas, a divina, & a humana, era Deos, & era homem: Thome lograva no lado a graça de Christo como homem, mas nam lograva a graça de Christo como Deos: Lograva a graça de Christo como homem, porque entre os homens não ha mayor graça, que dar o lado: nam lograva a graça de Christo como Deos, porque era necessario que depuzesse a infidelidade para conseguir a graça: ter a mam no lado era indicio de infidelidade, pedir ao lado: *nisi mittam manum meam in latus ejus, non credam*; A fé pedia que deixasse o lado, & se confessasse reconhecido a Christo, pois vendo-se Thome com a graça humana, & tem a graça de Christo como homem, por ganhar a graça de Christo como Deos; assi estimava Thome a graça de Deos, & assi nos aduirte que a estimemos todos: Ordinariamente andam de batalha a graça de Deos, & a graça dos homens, & ordinariamente fae vencida a graça de Deos, & eu nam sei porque ha de succeder à graça de Deos esta desgraça? Porque a graça de Deos tem todas as rezoens para ser estimada, a graça dos homens tem muitas para nam ser aparecida. Notemos brevemente

algumas para que se veja melhor a boa eleição de Thome, & a injusta sem rezam nossa.

A graça de Deos he muito facil de alcançar, daffe a quem a quer, se fazeis pella merecer nam vola pode Deos negar, A graça dos homens he muito difficultosa de conseguir, porque se dá sómente a quem quer o Rey, ainda que façais muito pella alcançar, em quãto nam quizer o Principe nam a haveis de possuir; Servis com Germanico, socegais tumultos, desbarataes exercitos, engeitais a purpura, & com tudo nam privais, porque nam quer Tyberio. Os mercimentos estam em vossa mam, porèm apriuança està na vontade alhea, bem podeis servir se quizeres, mas por mais que queiraes nam haveis de privar se nam querem.

A graça de Deos se he facil de alcançar, he difficultosa de perder, a graça dos homens he tam facil de perder, como difficultosa de alcançar. Para perderes a graça de Deos, que alcançastes com hum só obsequio, nam bastam muitas venialidades juntas, bem pode hum homem cometer culpas veniais, & cõ tudo ficar em graça de Deos; para perderes a graça dos homens, que vos custou muitos serviços qualquer venialidade basta. Aquelles dous privados de Faraõ, depois de tantos annos de firmezas, acharam se hum dia inopinadamente caidos de sua graça, & metidos em hum carcere, & porque culpas? Porque no paõ que hum lhe levou hia hũa pedrinha, & na copa q̃ o outro lhe poz se vio hum mosquito; Olhai a graça do mundo, hũa pedrinha a quebra, hum mosquito a offende; os serviços destes homens foram de muito cuidado, sonhavam com sua obrigação: *Somniũ vidimus*; a culpa foi muito acazo; *accidit vt peccare*, & perderão por hũa acaso de culpa, o q̃ ganharão cõ muito cuidado de serviço: & graça q̃ hũa pedrinha a quebra, he graça muito de vidro: & graça q̃ hũa mosquito a offede, he graça mais que de vidro.

Parecevos muito isto? Ora aguardai, que ainda nam disse muito, & quantos cahirã da graça dos homens sem nenhum genere de culpa? Eis aqui outra grande differença, que vai da graça de Deos à graça dos homens: para perderes a graça de Deos, he necessario que haja culpa, & que seja mortal; & para perderes a graça dos homens, não he necessario q̃ seja mortal, né que haja culpa. Dizeime: Amam  
quize

quize algum dia atrevido violar o thalamo de Affuero? Nem lhe passou pella imaginaçam. Daniel pretendeo algum dia sedicioso inquietar a Monarchia dos Assirios? Nem o sonhou nunca; & com tudo Amam por atrevido morre em huma forca; Daniel por sedicioso está no lago dos Leoens. Ha sem rezam igual a esta? Daniel homem tam privado, & hoje tam desvalido, & illo sem culpa? Por sospeitas de Affuero contra Amam, por inveja dos Assirios contra Daniel? Ahi vereis o que he a graça dos homens porque tanto suspirais, mas ainda disse pouco.

A graça dos homens nam só se perde sem obrar, atè com obrar bem se perde. Quando nam houvera outra rezam esta só bastava para fazer de maior estimaçam a graça de Deos, que a graça dos homens: a graça de Deos alcançase com boas obras; a graça dos homens ainda com as obras boas se offende. A quantos se originou o aborrecimento do Principe das mesmas finezas que obraram em seu serviço? Digao Imio Bleso, a cujos obsequios correspõdeo Vitelio com odio quando devia favores. Digao Silio cuja singular fidelidade em reprimir aos soldados na rebeliam que intentavam contra Tiberio, o privou de sua graça. Digao David que matando a hum gigante, terror dos exercitos de Saul, por huma pedra que despedio com tanta ventura no campo, achou hũa lançada no Paço. Idolos sam commumente os Principes, cujos olhos como advirtio Jeremias, cegam com o dõ dos mesmos que entram a adoralos: mais costumão premiar desceuidos, que finezas, porque tem o reconhecimento por especie de cativoiro, cousa incompativel com a Magestade; & julgam por menos dezada a nota de ingratos, que a obrigaçam de agradecidos; de maneira, que não ha cousa alguma que segure a graça dos homens, ou haja culpa, ou não haja culpa; ou obreis mal, ou obreis bem, sempre perga a graça.

A graça de Deos não vola tira Deos pello que haveis de fazer, ainda que Deos saiba que aveis de peccar de futuro, nem por isso vos priva da graça presente: na graça dos homens basta presumirse que podeis vir a offender, para logo vos de sapõsarẽ da graça. Imaginarão os grandes da Corte del-Rey Achis que David por congratarse com Saul podia maquinar contra seu imperio, & des-

terrou Achis de sua graça a David, & que me hão de tirar a graça não pello que fiz, senão pello que se cuida que posso fazer? A graça de Deos, he premio dos bons pensamentos, & que pellos maos pensamentos alheos hei de perder a graça? Que faya David desterrado da Corte porque os Satrapas o profetizaram delinquente no campo? A graça perdida, & as culpas sómente profetizadas? E ha quem arrisque a graça de Deos pella graça dos homens? Nam lei que resoluçoens sam as nossas.

Para perder a graça de Deos nam basta a certeza do futuro, & basta a emmenda do passado para tornar à graça de Deos. Na graça dos homens nem para o futuro valia incerteza, nem para o passado a emmenda; tiravos a graça pello mal que podieis fazer, & por mais que emmendeis o mal que fizestes, nam vos restituem a graça; na graça de Deos perdida, qualquer contrição he remedio, na graça dos homens perdida nam ha remedio na maior contrição.

A graça de Deos causa esquecimento de tudo o que fostes, & só vos faz estimado pello que sois: por grande peccador q̄ tendes sido, se vos pondeis em graça, já nam vos conhecem por injusto; na graça dos homens, nam basta o que sois, para pôr em esquecimento o que fostes; antes se algum dia fostes menos, nunca ha mais lembrança do pouco que fostes, como quando se vê o muito que sois. Falavam os grandes de Assirias com Dario acerca de Daniel, & não o tratavam menos, que de cativo. Daniel *de filijs captivitatis*: Falava o outro cortezão com Iozaphat acerca de Eliseo, & chamou-lhe criado de Elias, *Est hic Eliseus, qui fundebat aquam super manus Elias*: Pois valhame Deos así se trata hum Daniel? Así se trata hũ Eliseo? Daniel q̄ he a maior privança de Dario? Eliseo q̄ he o oraculo dos maiores Principes? Que quereis, esse he o costume do mundo, por mais valimento que tendes fostes vòs algum dia cativo? Pois haveis de ser cativo, ainda quãdo sois privado; fostes vòs criado de Elias? Pois haveis de ser criado de Elias, ainda quãdo sois privado dos maiores Principes; vòs tereis a maior privança, mas por mais de marca que seja a privança, vòs haveis de ser privado de marca; vòs sereis oraculo de Monarchas, mas as profecias em vossa boca ham de ser obsequios de Elias. Finalmente a graça  
de

de Deos he tal, que estimam os bemaventurados a gloria, porque he segurança da graça; se na bemaventurança se pudera perder a graça, não se amara a gloria; & que maior excellencia da graça de Deos? E que tal he finalmente a graça dos homens? He hum gosto affustado, hum defassocego doce, hum reclamo de inuejas, hum espartador de calumnias, hum ensayo de tragedias, hum vapor metido em nuvem, hum nada disfarçado em muito, data da fortuna, premio da lisonja, embaraço das côciencias, & chave ordinaria mête, do inferno; he hũa faulca q̄ sobe para acabar, hũa exalação que arde para não ser, hũa Sol q̄ nasce para se por, hũa Lua q̄ cresce para minuar, hũa vento q̄ affopra para acalmar, hũa roda q̄ se empina para decer; pois se esta he a graça dos homens, se esta he a graça de Deos, com muita rezão se apressa Thome a ganhar a graça de Christo como Deos, ainda que perca a graça de Christo como homem; & então andaremos nos mais discretos quando a imitação sua seja não estimarmos mais a graça dos homês, q̄ a graça de Deos.

Tem satisfeito Thome, ganhado as obrigações de Orago; tempo he já que acuda Thome perdido aos empenhos de Padroeiro; mas como poderá ser Padroeiro Thome perdido? Cõ propriedade grãde ao proueito do mundo todo, diz S. Agostinho, q̄ se encaminhão as duvidas de Thome, & que errava elle, para que não errassẽ os outros: *In his Apostoli verbis mundi utilitas agitur, uni interrogatio universitatis est instructio*: De maneira q̄ a perda de Thome era beneficio do mundo, porq̄ soubesse o mundo ganhar-se, pot isso se perdia Thome; pois se o bem do mundo era motivo da perda de Thome, não ha duvida que o bem de Portugal era muito particularmente motivo de sua perda. Quando o Evangelista vai a contar o erro de Thome, faz hũa notavel advertencia, & diz que se chamava Didimo; Thomas, *Qui dicitur Didimus*; Didimo quer dizer gemeo, & se Thome errava como gemeo, Portugal era em profecia o Irmão; porque assi como das Chagas de Christo renaceo Thome fiel, assi tambem das Chagas de Christo naceo Portugal Reyno, & assi como Thome renaceo fiel para levar a Fè ao Oriente, assi tambem Portugal naceo Reyno para levar ao Oriente a Fè; pois se Thome se perde como Irmão de Portugal, quem duvida q̄

com cuidado muito particular attendia em sua perda a nosso bem? Se os erros de Thome erão cautelas pera todos, muito melhor ferião advertencias pera o irmão; & sendo isto assi, não pode haver melhor Padroeiro que Thome perdido. A carta de marear não está perfeita, porq̃ assinala os portos, as distâncias, as alturas, senão por que mostra os perigos, o baxo, a ponta, o cabo; mais importa saber donde se ha de fugir, que aonde se ha de chegar, & devemos mais à desgraça que encontrou com a penha, do que à ventura que descobrio o porto. Este favor pois devemos a Thome, que pera nos acautelar a nós, se perdeu a si, & por nos deixar descobertos os baixos mais perigosos no dilatado mar de nossa Monarchia, naufragou desgraçado; mas a infidelidade nossa, foi q̃ com ficarem descobertos os baixos, não soubemos, ou não quizemos evitar o perigo, & poderá ser que por isso esteja hoje perdida a India, porque sendo os erros de Thome cautela, fazem os delles imitação, & exemplo: Vamos aos erros, & chorará a India seus descuidos.

*Noli esse incredulus, sed fidelis*; não queirais ser incredulo, senão fidel, disse Christo a Thome, em estas poucas palavras cifrou a maior occasião de seus infortunios: *Noli*, não queirais, na vontade achou Christo a infidelidade a Thome, & este foi o seu primeiro erro, governar-se pella vontade; quando os condiscipulos disserão a Thome que tinham visto ao Senhor resuscitado, se elle consultara ao entendimento, achara rezoões muito fortes pera crer, así por parte da verdade dos companheiros, como por parte da omnipotencia do Senhor, mas como consultou a vontade, achou sómente motivos pera duvidar; porque o amor proprio (como diz S. Sirolo) agravado de que lhe faltasse a elle o favor que se fizera, aos outros persuadio incredulidades: *Mærore quia ipse quoque non viderit, affectus ad infidelitatem delabitur*; Não menos de ordenados q̃ isto são os dictames da vontade: E esta he a primeira advertencia que fez Thome aos Portuguezes pera evitar descertos no governo de sua Monarchia, reger pello entendimento, & não pella vontade.

Quem rege pello entendimento pode governar bem, & pode governar mal: quem rege pella vontade nunca pode governar bem, a razão he muito evidente; porque quem rege pello entendimento

se entende mal, governa mal, se entende bem, governa bem: quem rege pella vontade, ou queira mal, ou queira bem, sempre governa mal, se quer mal, governa com paixão, se quer bem, governa com cegueira; & com tais lados como são cegueira, & paixão, que governo po se esperar acertos? Pera que huma Republica seja bem governada ha de haver nella castigo, & premio; castigar delitos, & premiar merecimentos, são os polos sobre que se funda hum governo ajustadamente politico, & nenhũa destas cousas pode fazer bem a vontade; porque se ha cegueira, se ama, dará tal vez o premio a quem merece castigo; se ha paixão, se aborrece, dará tambem o castigo a quem está merecendo o premio: & digao hum dos maiores culpados, & o maior dos innocentes, que vio o mundo.

Remeteo Pilatos ao parecer dos Fariseus a causa de Christo, & a causa de Barrabàs: *Quem vultis dimitam vobis? Barrabam; an Iesum, qui dicitur Christus?* A quem quereis que solte, a Barrabàs, ou a Iesus, que se diz Christo? Resolveram os Iudeos: & quem vos parece que foi o condenado, quem o hure? *At illi dixerunt, Barrabam:* O liure foi Barrabàs, o condenado foi Christo. Quem houvera de imaginar de homens racionaes sentença tam barbara como esta? Christo era bemfeitor deste povo, era o remedio commum de suas necessidades: pello contrario, Barrabàs era hum ladrão publico, homicida de muitas vidas, & cabeça de grandes insultos; pois como he possivel que homens com rezão dessem a vida a Barrabàs, & a tirassem a Christo? Nas palauras de Pilatos está a rezão: *Quem vultis:* Quem quereis? devolveose este juizo ao parecer da vontade, & não ao vosso do entendimento, & onde a vontade sentenciava, que outras podião ser as resoluçoens? Onde vota a vontade, liuramse as culpas, & condemnãose as innocencias: vive hum Barrabàs, & morre hum Christo: & Republica onde os merecimentos andam crucificados, & os delitos soltos: Republica onde os Christos perecem, & os Barrabazes triumphão: o que defordenada Republica, & arriscada! Defordenada, porque lhe hão de faltar os homens, arriscada porque lhe ha de faltar Deos.

Haólhe de faltar os homens, porque como se animará a servir hú homem se vê ao benemerito com a Cruz às costas, & ao venturoso a

so a Cruz no peito? Como se alentarã a padecer os trabalhos, & perigos de huma campanha, se vê que o valor leva as feridas, & avalia os premios? Se mais alcança o sangue que corre pelas veas, do que as veas q̄ generosamente derramarão o sangue? Se pera os Davids, que dispararão a funda, & derrubarão a Gigante a lançadas, & pera os Hadrieis que ficarão olhando desde os arrayais ha favores; quem haverà que trabalhe, quem haverà que peleeje; Christo nam levou consigo ao Monte Olivete mais que os tres Discipulos que levará consigo ao Monte Thabor, por que só quem recebeu mercês no monte das glorias, esperou assistencias no monte das penas, & com tudo cõ feré todos tres tanto de ante mão favorecidos, Diogo fugio cobarde, Pedro negou infiel, só Ioão chegou constante ao calvario: se os homens ainda premiados faltão, sem premio como haverà homens?

Halhe de faltar tambem Deos, porque he palavra tua no Ecclesiastes, que não conservarà os Reynos onde ouver injustiças. *Regnum transfertur de gente ingentem propter injustitiam*: as injustiças da terra abrem a porta à justiça do Ceo. Quem passou o Imperio dos Assirios pera os Persas, dos Persas pera os Gregos, dos Gregos pera os Romanos? As injustiças: este he o vento que tempestuosamente inquieto revolve o mar das Monarchias, & com variedades tão notaveis o arroja de hũa parte pera a outra: que Deos tenha olhos pera ver neste mundo a hum justo opprimido, & a hum vicioso levantado, não he falta em sua providencia, porque tem hũa eternidade, onde com a fortuna das almas desconta a desigualdade dos corpos; porém nas Monarchias não ha mais que corpo, nam tem alma que Deos haja de chamar ao juizo na outra vida; & assi pera comprir com sua providencia, quando nellas se achão sem razoens, & injustiças, he torça que aqui as castigue; faltará Deos ao credito de seu justo governo, se acaso não faltara à conservação de hũ governo injusto. Estes são os males q̄ traz consigo o governo da vontade, advertidos na desgraça de Thome, mas de balde advertidos, porq̄ como eu julgo q̄ se perdeu a India, porq̄ ha annos muitos que se rége pella vontade, nem premio para benemeritos, nem castigo pera facinorosos, dizem que ha naquelle estado; & isto he certo.

certo que procede de que a vontade tem o mando; a vontade dos ministros faz o processo das culpas, a vôtade dos Ministros; o memorial dos serviços: daqui nasce que de muitos que vem da India, são despachados os que ouverão de ser castigados, & não são ouvidos os que ouverão de ser adiantados; só hum bem tem esta vontade que não he muito difficultosa de grangear; comprasse facilmente a qualquer rendimento se rende. Pello menos a sospeita está por esta parte, porque dos mesmos postos, & officios donde naquelles melhores annos dos antigos Portuguezes vinhão os Ministros a este Reyno com liuros muito limitados, & vem em nossos tempos com excessivos livros: Iacob pera augmentar as suas ovelhas, tirou a hūas varas a rama, as folhas, as flores, & fruitos, & a casca, de sorte q̄ por isso crecia o gado, porque se descalcavão as varas. Se agora vem as varas tão vestidas de rama, tão cubertas de folha, tão ornadas de flores, & tão carregadas de fruitos, que havemos de cuidar se nam que tudo he lãa das ovelhas? E se nòs tão inadvertidamente empenhados fomos dar no mesmo baxo em que perigou Thome, que muito, que naufragasse o Oriente?

Errou tambem Thome, porque cegamente incon siderado cometeo materias da fé à vontade. *Noli esse incredulus*: a esfera da vontade entendese o amor, não chega ao querer: sabe a vôtade fazer actos de amor, não sabe produzir actos de fé, & como Thome metteo a vontade em cousas fora de sua esfera, errou a vontade, & perdeose Thome: & que cuidadoso de nòsso bem te perde; a boa fortuna nos successos de hūa Republica depende toda da cóformidade dos negocios com o genio dos Ministros: a capacidade, & inclinação dos sogeitos, ha de fazer a eleição do officio, que da proporção do instrumento, como materia resultão os primores da obra: os homês dentro de sua esfera procedem muito ao natural, fora della obra muito ao violento, & as acçoens pera sahirem perfectas não hão de ser filhas da violencia, hão de ser parto da natureza.

Constitue Deos a Adam Principe universal do mundo, & diz assi: *Denominamini piscibus maris, & volatilibus celi, & universis animantibus, quæ morventur super aquã*. Dominareis como Senhor, occupareis como Monarcha aos peixes do mar, as aves do Ceo, & aos

animais da terra: Assim disse Deos, & reparava eu porque havia de dizer assim? Os peixes do mar, as aves do Ceo, aos animais da terra, pera que he esta superfluidade de palavras? bastava dizer aos peixes, as aves, aos animaes, porque claro está que os animais são da terra, as aves do Ceo, os peixes do mar: pois porque acrescenta Deos aos peixes do mar, as aves do Ceo, os animais da terra? A terra he a esfera dos animais. O Ceo he a esfera das aves, o mar he a esfera dos peixes, & quiz Deos lembrar a Adam as esferas dos subditos, pera que ficasse advertido, que por ellas os havia de governar elle, *Domine Adam*, aos peixes (como te dissera Deos) mas advirta que hum delphin he do mar, *piscibus maris*, pera que lhe não ordene cousas da terra: presida aos animais, mas repare que hũ Leão he da terra: *bestijs terra*, pera que lhe não encarregue empregos do Ceo: governe as aves, mas note que huma Aguia he do Ceo: *volatilibus Celi*, pera que lhe não cometa negocios do mar: occupe ao delphin no mar, a aguia no Ceo, ao Leão na terra, não mande voar ao Leão, que será percipitalo: não mande nadar a Aguia, que será afogala; não mande andar ao delphin, que será destruillo.

Assi instituhio Deos ao primeiro Monarcha, & assi he necessario que se proceda em todas as Monarchias: nas eleiçãoes para os officios, hase de atender à natureza dos eleitos: não se hão de dar as pessoas aos cargos, hão se de dar os cargos às pessoas. O esforço seja Leão da campanha, o engenho seja Aguia dos conselhos; a experiencia seja delphin das agoas, que obrar de outra forte será encomendar cousas do mar às aves, negocios da terra aos peixes, materias do Ceo aos animais, & em lugar dos acertos que pretendem, tudo feràm desacertos.

Lá quiz S. Pedro levantar tres tendas no Thabor; & responde o Evangelista que não sabia o que dizia, *Nesciēs quid diceret* & não podia deixar de ser assi? Pedro era pescador, & toda sua vida avia gastado em fazer redes, pois hum pescador como podia meterse a exercitar com acerto o officio de architecto? Hum homem que só sabia remedar redes, como he possível que acertasse a armar tendas, & traçar cazas? Claro está que havia de errar tudo: não he o mes-

mo ter boa mão pera a pesca, que ter mão pera a architectura: que Pedro, & não se meta em levantar fabricas; que na pesca fará milagres, & na fabrica fará desordens. Querer em huma Republica que assista no tribunal, quem sempre assistio na campanha, & querer que assista na campanha, quem sempre assistio no tribunal, he querer que erre na fabrica, quem soubera acertar na pesca. A natureza nam deu a todos iguais qualidades pera tudo: são os animos dos homens tão differentes como seus rostros, & se nas occupaçoens não se atender à capacidade, & intelligencia das pessoas, nem se conseguirão os intentos, nem se evitarão os perigos. Ainda hoje chora Ethiopia, & mostra nos corpos adustos de seus habitadores o mau conselho de Apollo (se he licito valernos da moralidade dos antigos em suas fabulas) por haver entregado o carro da Luz a seu Filho Phaetonte, mancebo inexperto, & incapaz de tão alta empreza: que se faltam as prendas necessarias não basta ser filho do Sol, pera guiar com acertos os carros mais luzidos do governo; nam ha eleição feita por salto, que não tenha seus deseres: a experiencia descobre, & gradua os sojeitos. Do Sol sei eu que pera o fazerem presidente do mundo, primeiro lhe provarão a sufficiencia dos raios, & depois de ser tres dias luz, ao quarto o levantaram Sol. Formar hum juizo, nam he o mesmo que reger huma armada; governar huma praça nam he o mesmo, que ordenar hum exercito; se se confundirem os ministros, como he possível que nam seja tudo confuzam nos officios? Ordene pois o exercito o soldado, governe a praça o politico, reja a armada o intelligente, & forme o juizo o douto; que de outra maneira será arriscar o juizo, a armada, a praça, o exercito, & o mesmo estado. Nam me meto a inquirir se acaso se perdeu a Índia, porque lhe faltasse em nós este cuidado: o que sei he que perdemos ha muitos annos naquella conquista as batalhas, as praças, & as armadas. *Noli esse incredulus.* Destes desacertos de Thomè veio a precipitar-se tão infelizmente arrojado, q̃ faltou à Fè que devia a Deos, & arriscou-se a ficar eternamente privado do melhor Reyno que he o Ceo. Mas que attento a nosso bem se arrisca! Aqui nos descobrio Thomè o peri-

O perigo maior da Monarchia mais florente. A maior potencia tem seu principio em Deos; antes que na terra se coroarão os Reys em sua eternidade: se coroarão que dá o primeiro movimento aos orbes, o dá também aos Imperios: a Republica q̄ como Lua não tiver sempre os olhos attentos ao resplendor do Sol divino, brevemente verá ecclipsado o orbe de seu poder: o zelo da Fé, a piedade da Religião, o cuidado da ley, he a base em que se levantão, & segurarão as Monarchias: entre os Hebreos, quando se coroarão os Reys, mandava Deos que lhe puzessem a Thyara do Reyno na cabeça, & o Deuteronomio da lei na mão, pera que entendessem, que com o cuidado da lei se cõservava a soberania da Thyara. Nabucho o mesmo foi perder o respeito ao templo de Hyerusalem, que perder o imperio. Balthazar na mesma hora, em que profanava sacrilego os vasos sagrados, nessa mesma lhe escreverão a sentença de sua destruição. Saul no mesmo ponto em que rasgou inconsiderado a capa de Samuel ministro de Deos, nesse mesmo lhe decretou o Senhor a expulção do Reyno. *Scidit Dominum regnum à te hodie*, q̄ não sofre o Ceo, que se fação violencias aos ministros da lei, & quando estas são as consequencias da pouca fidelidade pera com Deos, que melhor nos podia patrocinar Thome, que negar incredulo (como diz S. Agostinho) pera que nós fossemos fieis? *Quam bonae infidelitas, quae saeculorum fidei militavit*: mas não sei se diga, q̄ nos tirou Deos a India, porque se acabou nos Portuguezes aquelle zelo da Fé, aquella piedade da Religião, que noutro tempo tanto floreceo.

Quando conquistamos aquelle estado, não foi Cidade, nem fortaleza a onde o Ceo não favorecesse, milagrosamente nossos intentos: na tomada de Goa, Ormus, & Malaca ajudou visivelmente ao grande Affonso de Albuquerque o Apostolo San-Tiago: em ambos os cercos de Dio foi vista a Virgem Senhora nossa, já rebatendo contra os mesmos inimigos suas settas, & seus pelouros, já tapando com sua benditissima mão os ovidos das peças, para que não tomassem fogo contra os Portuguezes. No cerco de Chaul, S. Barbara servio de Cõdestavel de nossa artelharia, ella borneava as peças, ella lhe dava fogo, q̄ como tambem acertadas fazião horrendo estrago

estrago nos Mouros Em Ormus vio D. Frâncisco Garcia hũ rayo sobre a armada inimiga, portento fatal de sua perda. Em Ceilao vio Lopo de Brito hũa lança no ar, q̄ brandida contra os Chingalas, lhes pronosticava ruina. Em Borbaim vio Lopo Vaz de Sampayo hum alfançe de fogo, que peleijava contra os Malavares: assi nos assiste o Ceo inimigamente, hoje nam ha huma assistencia destas; donde procederà isto? Procede de q̄ antigamente os Portuguezes traziam o augmento da Fè muito diante dos olhos; hoje nenhuma cousa trazem menos diante dos olhos que o augmento da Fè: antigamente interessava o Ceo nas nossas emprezas a conversão de muitas almas, hoje estorua a conversão das almas pellos nossos interesses: antigamente assistia-se com liberalidade franca aos Ministros do Evangelho, em nossos tempos chegaram a verse fechadas as Igrejas, por não haver o necessario pera a administração dos Sacramentos: antigamente favoreciãose os convertidos, hoje opprimemse: antigamente havia hum D. Constantino de Bargaça, que por tirar hũa occasião de idolatria queimasse aquelle tão celebre déte do Bogio, & com elle trezentos mil cruzados, que lhe offereciã pello resgate, hoje por menos cruzados, poderà ser que ficasse adorado o dente: pois com isto queriamos India? Com isto queriamos que o Ceo attendesse a nossas fortunas? Deos levantou a Portugal em Reyno no Campo de Ourique pera levar o Evangelho pello mundo todo: *ut feratur nomen meum per exterar gentes*: cõ esta condição nos dêrão o Reyno, & se nõs faltamos a ella, se impedimos a conversão do Evangelho, senão tratamos de ganhar as almas pera Christo, como não havemos de perder nossas conquistas?

O meio mais conveniente pera ter a Deos prospicio em nossos successos, & o maior soborno, cõ que podemos concluir seu affecto he o bem das almas, porque huma alma, he a cousa que mais estima Deos. Vai Christo descrevendo as condiçoens de hum bom pastor, & remata com esta notavel sentença: *Propterea me diligit Pater, quia ego pono animam meam*: Meu eterno Pay por isso me ama, porque eu hei de dar a vida pella redempção das almas. Senhor que dizeis? Como pode ser, que por essa causa vos ame o Pay? porque vòs morreis pellas almas? Entre dous objectos, amados, aquelle

se ama mais por cuja causa se ama o outro, se vosso Pay vos ama por amor das almas, logo mais ama as almas do que vos ama a vos: que quereis que diga? Assim o ensina Christo, & havia rezoens no Pay, pera elle o publicar assi. Via Christo a feu eterno Pay tão satisfeito, de que elle se offerecesse à morte pella salvação das almas, que parece que não o amava tanto, porque era filho, quanto porque morria por ellas: *Propterea me diligit Pater, quia ego pono animam meam*: Se a salvação das almas he motivo do amor de Deos pera seu Filho, nós que não somos filhos, como grangaremos seu amor estorvando o remedio das almas? Se queremos que Deos nos assista, que nos restaure a India, que nos prospere o Reyno, sobornemos sua graça com lhe offerecer muitas almas.

Assi o faremos, glorioso Orago, & divino Padroeiro Thome, & pera que sejam efficazes as advertencias de nossas felicidades em vossa desgraça, debaixo de vossa protecção, & amparo, esperamos executallas: Encomendovos a Magestade soberana de nosso Monarcha, em cuja real pessoa confiamos, que detempenharà Deos suas promessas: pois he justo que hum Reyno, que deve a gloria de Reyno ao grande nome de Affonso, deva tambem a soberania de Imperio ao mesmo nome: assisti cuidadoso a seus intentos, patrocinai sua vida, favorecei suas acçoens, para que em serviço de Deos, em gloria de seu nome, em amparo de sua Igreja, em augmento de sua Monarchia, amado dos vassallos, temido dos inimigos, respeitado dos neutrais, & admirado de todos, viva, vença, triumphe. Encomendovos esta Corte, que tão religiosamente illustre celebra vossas memorias, encomendovos, mas não vos encomendo, que pera irmão não são as recomêtaçoens necessarias; o Reyno de Portugal todo: a vossa, & a nossa India si, essa vos encomendo eu muito, fazei com a efficacia de vosso patrocinio, que tome toda a fogueição das armas, que a conquistarão: não permaneção triumphantes os estandartes da heregia Olandeza, onde tantas vezes triumpharão gloriosas as chagas de Iesu Christo; E se a causa principal porque Deos quasi tem tirado aquella conquista a Portugal, he o pouco cuidado, com que os Portuguezes tratão hoje os negocios da fé, dizelhe, que quando seu Monarcha, com tanta piedade, zelo, & affe-

*San Thomè.*

27

affetto assiste à conversão das almas, & ao augmento da Christianidade, não he justo que perca a melhor joya de sua coroa pello descuido de seus vassallos: o concerto de dilatar a Fè quando Portugal se criou Reyno, não se fez cõ os Vassallos, com o Rey se fez. Pois ainda os Reys de Portugal, não faltarão ao concerto, ainda favorecem a protecção verdadeiramente real, a prêgação do Evangelho: torne pois a Índia a seu Monarcha, esteja a Magestade divina, pello concerto, quando não falta a Magestade humana; para que assi reconheçamos de todo nossas venturas a vosso patrocinio, pello qual esperamos tambem alcançar a graça com que seguremos a gloria, *Ad quam nos perducatur Deus.*

FINIS.



